

## Pedagogia afrocentrica e a alfabetização de libertação nas Cartas a Guiné Bissau.

Filipi Augusto Batinga Simões

Universidade Federal da Paraíba  
filipiaugustobatinga@outlook.com

Alba Cleide Calado Wanderley

*Universidade Federal da Paraíba  
caladoalba@gmail.com*

**Resumo:** O presente artigo aponta resultados parciais de um estudo realizado entre a obra Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire e a Teoria da Afrocêntridade de Molefi Kete Asante. Diante das reflexões interdisciplinares suscitadas através do espaço do grupo de estudos (GEINCOS) da Universidade Federal da Paraíba. Buscando, assim identificar possíveis aproximações dialógicas entre o paradigma da Afrocêntridade - seus fundamentos teóricos na elaboração de uma epistemologia curricular - e suas relações com a obra submetida a análise a Pedagogia do Oprimido. Metodologicamente, o estudo foi desenvolvido através de um procedimento bibliográfico e de caráter qualitativo. O corpus do trabalho foi constituído a princípio destacando a contribuição da proposta afrocêntrica para processos de reconhecimento, pertencimento e afirmação identitária afro-brasileira. Em seguida contextualiza-se o surgimento de um movimento afrocêntrico em meados de 1960 e sua consolidação enquanto sistematização epistemológica na década de 80 no Canadá. A partir da análise conceitual das obras citadas depara-se com uma construção epistemológica as quais os autores mesmo utilizando-se de categorias distintas possuem posicionamentos políticos e posições dialógicas acerca da consciência do sujeito histórico (Paulo Freire) e o agenciamento afrocêntrico (Asante). As mediações surgem no horizonte interpretativo pela intrínseca necessidade da libertação prescindir uma pedagogia que seja e tenha uma práxis no pressuposto do oprimido e torne a opressão pautas e objetos de seu processo. Assim chega-se afirmar que uma práxis da pedagogia afrocentrica constitui-se como aquela que põem as imediatas problemáticas em sua órbita a qual a agencia no centro é a da própria conscientização da identidade do que pode não ser mais ou é oprimido e assume sua história, ou seja, afrocêntriza-se. Consideramos a partir desta discussão que a Afrocêntridade é um paradigma que permite aos afro-brasileiros localizar-se ao centro de sua experiência, e, recolocarem-se, afinal como adverte Asante compreendida a proporção do agenciamento pode provocar uma marginalização como centro das práticas pedagógicas, concebendo a educação como um elemento de liberdade e mudança social articulando a experiência da reflexão do oprimido e do opressor sobre sua historicidade. Um paradigma afrocêntrico possibilita inserir em seu espaço epistemológico através de relações e mediações em um círculo conceitual problemáticas relacionadas a experiência com a África, Diásporas, Pan Africanismo. Propondo-se identificar elementos afrocêntricos na experiência afro-brasileira de Paulo Freire tomando como pressuposto desta a obra Cartas à Guiné – Bissau Registros de uma experiência em processo como objeto de comparação epistemológica. Destacam-se a princípio os desdobramentos teóricos que essa localização de Paulo Freire significa na inaugural reflexão que a possível materialização de uma epistemologia política tenha ocorrido no âmbito da sua práxis no território do mundo africano.

### **Palavras-chave:**

Afrocentricidade, localização, práxis, paradigma.

Introdução

As relações étnico-raciais no espaço escolar centra-se numa questão político- pedagógica de reescrever-relocar os afro-brasileiros em lugares no mundo, desconstruindo um paradigma eurocêntrico. Posicionamento, que deve ser construído de forma reflexiva e crítica, questionando a dominação social e racial a que foram submetidos os negros no processo da diáspora e no cotidiano dos espaços educacionais no Brasil. Assim, a educação a partir do paradigma eurocêntrico é um elemento que reforça a desvalorização da população negra.

Com as reflexões teóricas neste artigo, objetiva-se discutir a educação étnico-raciais no espaço escolar numa leitura de realocação dos afro-brasileiros na construção e de afirmação identitária, no contexto de inserção da discussão das Diretrizes Curriculares Nacionais para as Relações Educação Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Considera-se que há relações étnico raciais na presença de Paulo Freire na atuação do Conselho Mundial de Igrejas e do Instituto de Ação Cultural (IDAC) de alfabetização e fato histórico na Guiné Bissau que inter-relacionam o significado do ensino seja da História ou da Cultura entre a afrobrasilidade e a africanidade. Dessa forma ao conceber a expressão pedagogia afrocentrica se remeterá a “descolonização das mentes” em contextos de transição pós colonial.

A relevância de discutirmos a educação fundamentada numa proposta afrocêntrica contribui para o reconhecimento, pertencimento e afirmação da identidade afro-brasileira. Uma educação que localiza o sujeito afrocêntrico numa perspectiva libertadora e transformadora de sua realidade, não mais como objeto, e sim sujeito histórico, permitindo a conscientização local e global de sua condição social, com vias a possibilitar “... que todos os homens e mulheres se façam Seres Mais no processo permanente de libertação.” (FREIRE, 2006).

A abordagem ao eleger a obra Pedagogia do Oprimido se justifica por ter sido através desta que desenvolve-se um aprofundamento da categoria marxista de praxis sendo até reconhecido sua “inovação [...]”(CARVALHO e PIO, p.431, 2017) e as variações que o conceito assume no interior de sua relação com a educação. Há distintas formas de organização da práxis na Pedagogia do Oprimido, a práxis revolucionária, práxis autentica , práxis verdadeira e a práxis libertadora.

## Metodologia

Na abordagem qualitativa de um estudo teórico, o pesquisador se conecta às múltiplas concepções e práticas desenvolvidas em diversos paradigmas. Neste artigo, não se busca um “resultado”, mas apresentar e “compartilhar com outras formas que se preocupam com a constituição e o funcionamento do sistema de relações” entre as teorias (FROW; MORRIS, 2006, p. 316) e consideram que nela o pesquisador interage com o conhecimento, baseando-se nos significados múltiplos das experiências individuais, sociais, historicamente construídos (CRESWELL, 2007). Direcionado por essa abordagem qualitativa, compreende-se que a afirmação das “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História Afro-Brasileira e Africana” no espaço educacional como proposta de valorização dos afro-brasileiros torna-se possível a partir da proposta pedagógica freiriana e da assunção de um currículo afrocêntrico. Dessa forma, “agenciando” os afro-brasileiros para o reconhecimento identitário e ao pertencimento à “Diáspora” brasileira. Essas “diretrizes” devem ser fundamentadas por uma proposta pedagógica que, a partir das discussões tecidas entre os paradigmas afrocêntrico e freiriano, contribua para a vivência de um currículo que deslocalize o eurocentrismo presentes na educação bancária que enfatiza as relações entre opressores e oprimidos.

## Resultados e Discussão

A reconsideração teórica a qual esse artigo apresentou como necessidade não de uma mera revisão epistemológica, mas o acréscimo de desdobramentos interpostos, através de uma aproximação crítica entre autores da temática em questão a qual buscaram relegar Paulo Freire a uma certa ou mesmo total distancia da afrocentricidade (informação verbal)<sup>1</sup> ou até mesmo meramente eurocêntrico. Fato esse colocado quando da diáspora desse trabalho publicado no IX Colóquio Internacional Paulo Freire<sup>2</sup>. Reorientando problematizações que se apresenta como desafios do âmbito epistemológico deparamo-nos assim com a natureza epistemológica, política, social e cultural que Paulo Freire obteve através de sua contribuição aos convites das mobilizações políticas de independência a qual vivenciava a Guiné Bissau no contexto a qual é

---

<sup>1</sup> Em apresentação no eixo de justiça social o trabalho foi objeto de contestação acerca da natureza afrocêntrica em Paulo Freire desdobrando como sugestão de leitura afrocêntrica Peles Negras Máscaras brancas do psiquiatra Franz Fenon.

<sup>2</sup> Colóquio realizado pelo Instituto Paulo Freire e transferido para FAFIRE em virtude das ocupações contra a PEC 55 em 2017 no Centro de Educação da UFPE.

convocado a contribuir, ou seja, uma experiência com a práxis no contexto internacional africano. Nesse sentido quais seriam as experiências daquilo pela qual Paulo Freire compõem, através de cartas – relatórios ao reconhecer e advertir sobre a natureza informal que se consideram reflexões investigadoras do território africano e como são possíveis demarcadoras de uma experiência educadora diaspórica e afrocentrica. Ressalta-se que para refletir sobre sua diáspora deve se fazer como o mesmo referiu que ao estar a primeira vez no continente africano na Tanzânia (FREIRE,) sente o retorno não nesse momento, mas posteriormente quando escreve na Guiné – Bissau; “ pela primeira vez, a Guiné – Bissau. Poderia dizer: quando “voltei” à Guiné – Bissau [...]” (FREIRE, 2011, pg.14). Essa determinação subsequente ocorre em um ambiente imerso de paradoxalidade para definir quando chegou ou retornou à África. Diante das suas múltiplas problematizações, se situa também o fato da espontaneidade que foi intencionalmente escrita as cartas e dispensando uma organização didática motivo que nos insere numa atenção da linha de percepção sobre os limites de realizar uma atividade comparativa entre obras de Paulo Freire e a Epistemologia Afrocentrica. Todavia, limites não significam impedimentos quando sequer ultrapassamos as duas primeiras páginas de leitura da obra e que ainda não mencionamos em sua integra, qual a nova obra é introduzida a esse trabalho e por ora se faz; “ Cartas à Guiné – Bissau; Registros de uma experiência em processo”. O inacabamento do fazer exercia a exigência de um formato de relação discorrida livremente sobre as impressões e afecções mais imediatas para análise posterior de suas implicações teóricas o que pode ser compreendido entre o diálogo de Freire e Faunez organizado na Pedagogia da Pergunta. Compreender a universidade brasileira através de seus teóricos e buscar um lugar acadêmico que o constitua de identidade dos que definem os aspectos científicos do conhecimento universitário brasileiro. A pergunta se refaz sobre uma reflexão a partir do título sobre esse olhar afrocêntrico de Paulo Freire numa interrogação profunda sobre a localização do pensador em relação a uma epistemologia afrocentrica, sem o intuito categórico de contextualizar em um quadro teórico definido, mas ao fazer aproximações, também distanciar sobre uma compreensão que se faz pela educação comparada. Nesse caso trata-se também de se propor a comparar epistemologias para em seguida supondo-se perceber as objetificações que circundam os pensamentos dos autores e ir mesmo às suas influencias práticas do fazer pedagógico que está imbricada uma possível epistemologia política. A epistemologia política em Paulo Freire é o relato de uma política que se organiza numa pratica social que concebe a escola na organização de independência e sua relação com a frente do governo popular. Demarcado o reconhecimento das propostas objetivas da obra no

intuito de relatar os aspectos mais abrangentes da organização de um sistema de ensino em Alfabetização de Jovens e Adultos como prática social indissociável da ação política nacional.

Ressalta-se, antes de tudo que não nos interessa, apenas apresentar um esboço amplo e descritivo que buscase dá conta de como proposto nas obras de Paulo Freire as diretrizes para organização de um sistema de ensino poderiam encontrar equivalentes de implementação na realidade de Guiné Bissau e partir de similitudes compor uma tessitura argumentativa que der consistência comparativa, se o fizéssemos praticaríamos a comparação bancária de transportar de um continente a outro pensamentos como se o faz com uma mercadoria. Dessa forma parte-se da trajetória de investigação de uma leitura afrocentrada sobre a experiência que se torna a forma sobre a experiência de Paulo Freire com a África. Na abordagem afrocentrica o que surge na sua maior relevância é a relação da localização do sujeito e seu objeto. Havendo o objeto sido situado em um campo temático que a princípio pode não se revelar afrocentrico e ao exigir do pesquisador uma definição de critérios afrocentricos como a estrutura metodológica de uma reflexão crítica a que se propõem submeter o objeto a uma órbita epistemológica afrocentrica. Considera-se, assim que o paradigma afrocentrico não define objetos, esses são originados a partir da pergunta sobre a localização de quem pesquisa o objeto. Assim identificado o objeto como um campo temático relevante aos estudos afrocentricos. Sabemos do fato de Paulo Freire ter ido a África não o caracteriza de imediato como africanista ou tampouco afrocentrico. As razões que motivaram a participação no processo de independência através de uma experiência educativa, também não significam a implicação da afrocentricidade. Entretanto tomando como ponto a sua narrativa acerca das sensações de “retorno” e a sua compreensão do pressuposto da proposta de “descolonização de mentes” e a “reafricanização” equivalem a uma localização do africano como parte da relação com sua história que incide numa problemática afrocentrica. Considera-se que a afirmação do paradigma afrocêntrico e da proposta pedagógica freiriana na educação é uma possibilidade de “reencontro” com esse lugar africano deslocado pela Diáspora, agora, um lugar de uma posição de defesa cultural, descoberta do africano como sujeito histórico, localização psicológica e um compromisso léxico de construção de uma história afro-brasileira de centralidade social. Identificamos assim como problemática relacionada o que traz refletido sobre a divergência acerca da decisão linguística do PAIGC de alfabetização na Guiné Bissau a partir da língua portuguesa escreve; “no momento em que uma sociedade pede à língua do colonizador que assuma o papel de mediadora da formação de seu povo (...), tem de estar advertida de que, ao fazê-la, estará, querendo ou não, aprofundando as diferenças entre as classes sociais em lugar

de resolvê-las” (FREIRE, 2011, p.127). Afinal como se movimenta tal impasse na concepção de que “ um povo sela a sua libertação na medida em que reconquista sua palavra “ quando a língua portuguesa não estava sobre uso ou mesmo havia se estabelecido, embora fosse oficial e o crioulo como a língua não oficial, mesmo sendo a de maior predominância assumindo no processo nas zonas de libertação mais o caráter comunicativo entre as diversidades étnicas. Relata-se que nativos rurais em contato com a alfabetização da língua portuguesa criavam palavras com a ortografia portuguesa, mas com significado restrito a língua nacional. Enfatizamos a problemática da alfabetização lingüística como objeto nuclear da alfabetização de libertação nacional a qual se pode erguer dessa interseccionalidade a pergunta sobre a localização existente entre Amílcar Cabral e Paulo Freire com relação a língua pelo fato de Paulo Freire pretender que tornasse a língua portuguesa a sua condição de língua estrangeira

Por um lado das condições culturais que a violência do colonizador não conseguiu dizimar (existentes) por mais que tenha levado a guerra a suas extremidades e a condição (inexistente) decorrente da exploração legada quando as forças coloniais foram forçadas a se retirarem que culmina na evidencia que isso acarretou no calendário do dia 25 de Abril em Portugal A perspectiva eurocêntrica de compreender que a África é a consequência dos fenômenos históricos como as coisas acontecendo de fora da África , da europa, para dentro da África quando o processo de libertação nacional evidencia que o contrário insere a África no centro do agenciamento continental em relação a Europa ao culminar com o 25 de Abril em Portugal (GADOTI, 2010, p.3). e ao seu contexto histórico dos últimos 50 anos na sua relação de persistência em manter as colônias africanas.

A abordagem afrocêntrica não é mera inversão dos lugares epistemológicos do sujeito-objeto, onde o negro-africano ao constituir-se como sujeito passa a objetificar o branco- europeu numa forma de reversão da opressão epistemológica.

Os movimentos relacionados a valorização da população negra foram por muito tempo suplantado por um olhar eurocêntrico do mundo. A discursão afrocêntrica ganhou mais força a partir da década de 1960. O objetivo era “agenciar” as comunidades negras situadas em diversas partes do mundo da sua contribuição na construção social/histórica e econômica dos lugares onde se estabeleceram.

Dessa forma, estamos bem mais preocupadas com a construção da identidade afro-brasileira e da conquista de um espaço de afirmação identitária numa centralidade de que com a preservação de possíveis „africanismos“, pois fazer a transposição direta da cultura africana para

a América é não levar em consideração as transformações ocorridas num processo histórico marcado pela escravidão e pela diáspora.

Os intelectuais envolvidos nos movimentos defendiam uma ideologia radicalmente voltada à valorização da cultura africana, sua arte, educação, política, ciência, toda sua produção intelectual social. As discursões seguiram durante décadas. Em 1980 Molefi Kete Asante escreve “Afrocentricidade”. Asante chama atenção para uma consciência que seria tanto das opressões sofridas, como das vitórias possíveis, e que colocaria o africano como agente dessa interação multicultural destacando sua importância nesse processo, desmistificando os mitos que foram criados à cerca do povo africano como vítimas passivas ou dependentes de uma dominação branca, e lhes colocando como agente de sua própria história.

Na afirmação desse pertencimento e a consciência de agentes capazes de construir e intervir na sua própria história, os novos sujeitos gerados desse movimento assumem seu lugar de protagonista no contexto social e cultural. Toda sua produção agora será vista de uma ótica legítima. A importância de “resgatar” toda cultura que historicamente foi colocada de forma periférica pelos movimentos eurocêntricos, agora ganha contornos que lhes coloca no lugar devido e que contribui para expandir a discursão a cerca de uma consciência coletiva de importância a empoderar seus protagonistas e que abre um leque de possibilidades as discursões acerca do universo africano.

## Conclusão

O afrocentrista consciente agora localizado psicologicamente no seu lugar social, agirá como um sujeito ativo nas relações da África com o mundo em uma análise legítima reportando a Áfricas ou questões afrocêntricas do ponto de vista dos africanos. O currículo escolar é um exercício de como colocar estas questões em práticas incluindo uma relação dialógica com a localização psicológica e cultural afrocêntrica, na sua prática e com responsabilidade dando a devida importância a sua história e colocando o sujeito africano, no centro das discussões com o mesmo grau de importâncias das demais correntes culturais. Assim, introduzir as questões afrocêntricas na escola é preciso uma ligação direta com as bases Curriculares das Diretrizes Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino de Cultura Afro-brasileira e Africana. Fazer valer a Lei 10.639\03, além de estabelecer a obrigatoriedade do ensino de história e das culturas afro-brasileira e africana na educação básica, também assegura o direito de todos conhecerem as histórias de lutas e os direitos de cidadania que estas lutas lhes

asseguraram, como também ter o direito e várias outras culturas que compuseram as diferentes culturas existentes no Brasil e que formam a sociedade brasileira.

No Novo Mundo, os negros “inventaram” ativamente sua cultura e sua “África”. A Diáspora, a escravização, a adaptação à outro espaço” formaram uma conjuntura em que os afro-brasileiros tiveram que redefinir, muitas vezes, em um curto espaço de tempo e sob pressão severa, suas práticas culturais. Essas práticas tinham que ser inteligíveis e significativas para os próprios afro-brasileiros. Nesse contexto de criação da cultura afro-brasileira, se luta por um lugar de afirmação de identidades, construídas por meio das experiências compartilhadas, da ancestralidade africana e do contato com esse novo mundo.

Considera-se que a afirmação do paradigma afrocêntrico e da proposta pedagógica freiriana na educação é uma possibilidade de “reencontro” com esse lugar africano deslocado pela Diáspora, agora, um lugar de uma posição de defesa cultural, descoberta do africano como sujeito histórico, localização psicológica e um compromisso léxico de construção de uma história afro-brasileira de centralidade social.

Porém, não pretendemos esgotar o tema em debate, mas trazer mais uma contribuição e discussão sobre o tema aqui discutido, trazendo à tona novas formas e meios de entender a história africana. Assim, aos passos finais da investigação, fizemos algumas considerações gerais, ao invés de emitir um parecer conclusivo. Certamente, continuamos com questionamentos sem respostas ou algumas respostas desprovidas de sectarismos, pois a imprevisibilidade e a perplexidade do momento atual nos fazem assumir uma atitude inquiridora, reforçada pela concepção de ciência, enquanto fonte inesgotável e construtora do saber nos conduz, de agora em diante, para novas abordagens e perspectiva do estudo das relações e educação afro-brasileira no espaço educacional.

## Referencias

BRASIL, SECAD. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal 10.639/03. Brasília: Secad, 2005.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília:[s.n.], 2004.

BRASIL. Plano Nacional de implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro- Brasileira e Africana. Brasília: [s.n.], 2009.

CARVALHO, Sandra M.G. de; PIO, P.M. A categoria da práxis em *Pedagogia do Oprimido*: sentidos e implicações para a educação libertadora. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, vol.98, n°.249, 428 – 445, Ago.2017.

CRESWELL, John. **Projetos de pesquisa**: métodos qualitativos, quantitativos e mistos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FERREIRA, José Gomes. **O sentido da Educação Comparada: Uma compreensão sobre a construção de uma identidade**. Revista de Educação da PUCRGS. Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 124-138, maio/ago. 2008

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. 10ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné Bissau: Registros de uma Experiência em Processo**. 5ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FROW, John; MORRIS, Meaghan. Estudos Culturais. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Orgs.) **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

PESTANA, Mauricio. **Afrocentricidade em questão**, 2014. Disponível em: <http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/171/artigo271330-1.asp/>. Acesso em 20 de set.2016.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. África/africanidade: Angola, Guiné-Bissau, Moçambique. STRECK, Danilo, Euclides Redin e Jaime José Zitzoski, orgs, p. 29-31, 2008.

**VII ENCONTRO INTERNACIONAL DO FÓRUM PAULO FREIRE** Tema central: *Paulo*

*Freire e Amílcar Cabral: Por uma releitura da Educação e da Cidadania Planetária*. 2010, Praia, Cabo Verde. **PAULO FREIRE NA ÁFRICA; Notas sobre o encontro da pedagogia freiriana com a práxis política de Amílcar Cabral**. Moacir Gadotti < Disponível em:

[http://forum.unifreire.org/forumpaulofreire2010/files/2012/09/Caderno\\_Programacao\\_Forum.pdf](http://forum.unifreire.org/forumpaulofreire2010/files/2012/09/Caderno_Programacao_Forum.pdf) >